

A ecopolítica e a desfronterização do humano* apontamentos e provocações

Ecopolitics and desterritorialization of the human *Notes and provocations*

Alfredo Veiga-Neto

Doutor em Educação, Professor Titular do Departamento de Ensino e Currículo e Professor Convidado Efetivo do PPG-Educação, Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil. Contato: alfredoveiganeto@uol.com.br.

RESUMO:

Articulando, de um lado, a desfronterização e a desterritorialização contemporâneas — aqui entendidas como o alargamento e o apagamento das fronteiras que o homem colocou entre si mesmo e o mundo — com, de outro lado, a exacerbação de alguns dos topoi que marcam as tradições monoteístas, argumenta-se que a ecopolítica corre o risco de descambar para um ecologismo que, em nome da Natureza, passe a rejeitar “tudo aquilo que se refere à intervenção humana”, no sentido que Alain Touraine deu a essa expressão. Basta uma leitura atenta de boa parte dos discursos sobre o meio ambiente para que logo se revele o fundamentalismo, denunciamento, catastrofismo e o salvacionismo em que tais discursos se sustentam. Além disso — e de uma maneira paradoxal —, muitos desses discursos repõem pela janela o que tiram espalhafatosamente pela porta da frente. Seja na forma de um panteísmo ou de um panenteísmo krausiano, o ecologismo quase sempre se manifesta como uma desfronterização reducionista capaz de travar ou comprometer uma biopolítica interessada em manter a segurança humana intimamente ligada à habitabilidade planetária. Palavras-chave: desfronterização, ecologismo, catastrofismo, topoi judaico-cristãos, platonismo.

ABSTRACT:

It is argued that ecopolitics risks ending up in an ecologism that, on behalf of nature, starts to reject “all that refers to human intervention”, as stated by Alain Touraine. In this movement, it articulates, on the one hand, the process of removal of borders and contemporary desterritorialization — here understood as the enlargement and elimination of frontiers that man has place between himself and the world — with, on the other, the enhancement of some of the topoi that mark monotheist traditions. A careful reading of most of the discourses on the environment is enough to reveal the fundamentalism, denouncement, catastrophism and salvationism on which these discourses are based. In addition, and paradoxically, many of the discourses place back in what they have loudly taken out. Both in the form of pantheism or a Krausian pantheism, ecologism often presents itself as a reductionist process of removal of borders, capable of hampering or compromising a biopolitics interested in keeping human security closely linked to planetary livelihood. Keywords: environmentalism, catastrophism, topoi Judeu-Christian, platonismo.

VEIGA-NETO, Alfredo (2013). A ecopolítica e a desfronterização do humano. Apontamentos e provocações. *Revista Ecopolítica*, São Paulo, n. 6, jan-abr, pp. 65-73.

Recebido em 20 de setembro de 2013. Confirmado para publicação em 29 de setembro de 2013.

* Este texto foi apresentado e discutido no Colóquio Transformações da Biopolítica, no dia 11 de outubro de 2013, na PUC-SP (Teatro Tucarena), promovido pelo Núcleo de Sociabilidade Libertária (Nu-Sol).

O que eu descarto é um ecologismo que, em nome da natureza, rejeita tudo aquilo que se refere à intervenção humana. (Touraine, 2009, p. 165)

Começemos pelo chamado processo de desfronteirização contemporânea. Ao lado da presentificação, aquele processo constitui-se como uma marca registrada da nossa atualidade. Assim, é preciso caracterizar minimamente o momento presente. Chamemo-lo de Contemporaneidade ou Pós-modernidade ou Modernidade Líquida, o que importa na discussão que desenvolvo neste texto é o fato de que vivemos em tempos que Zygmunt Bauman caracterizou como tempos de liquidez e, enquanto tal, como uma época de

- a) flexibilizações, deslizamentos, desfronteirizações, preenchimento dos espaços disponíveis.
- b) presentificação, colapso do passado e do futuro; um tempo sem memória (passado) e sem a esperança num futuro administrável.

No primeiro caso, estão as caracterizações de ordem espacial; podemos resumir tal situação na famosa frase de Marx: “tudo que é sólido se desmancha no ar”. No segundo caso, estão as caracterizações de ordem temporal; nas palavras de Klee, “cada vez mais, desconta-se o futuro no presente”.

Tais características — a flexibilização e a presentificação — parecem agudizar alguns dos *topoi* que marcaram a Modernidade e cuja proveniência podemos situar na articulação entre o platonismo e as tradições judaico-cristãs em geral e, principalmente, a tradição firmada pelos cristãos primitivos. Desse modo, vale a pena fazermos um breve recuo histórico e ir buscar mais atrás no tempo a emergência desses *topoi*. Voltarei à flexibilização mais adiante; antes, traçarei, de modo assaz esquemático e breve, o fundo sobre o qual acontecem hoje e que, de certa maneira, elas parecem até reforçar.

*

Entre aqueles cristãos primitivos a que me referi acima, destacaram-se Gregório, *o Vigilante*, Tertuliano e Clemente de Alexandria. Foram esses fundadores do cristianismo que estabeleceram boa parte das verdades sagradas cristãs que atravessaram a Idade Média e que, já na Modernidade, foram laicizadas e se colocaram como bases naturais — e, por isso mesmo, se tornaram inquestionáveis — sobre as quais se firmaram e ainda se sustentam as epistemes modernas. Em outro lugar, mostrei as articulações entre, de um lado, tais tradições e, de outro, as reapropriações que os humanistas fizeram do pensamento platônico, de modo a dar uma sustentação aos saberes e respectivas práticas educacionais e que, logo depois, agruparam-se sob a denominação genérica de Pedagogia (Veiga-Neto, 2004). Tratou-se e ainda se trata, então, de uma sustentação híbrida e (digamos...) silenciosa, porém extremamente poderosa. Na medida em que este texto trata, também, de questões ligadas à ecopolítica, permito-me uma sugestão-desafio: penso que se pode, do mesmo modo que fiz com a Pedagogia, proceder a estudos similares no sentido de traçar uma genealogia dos elementos que funcionam como bases para o pensamento ecológico contemporâneo. O que segue é apenas uma primeira tentativa, uma primeira aproximação que pode servir para desenvolvimentos futuros sobre tais questões.

Para o que nos interessa aqui, dentre aqueles *topoi*, escolhi o *fundamentalismo*, o *denuncismo*, o *catastrofismo* e o *salvacionismo*. Convém, então, fazermos um recuo bastante esquemático e simplificado, de modo a ir buscar as suas raízes na articulação entre o platonismo e a tradição judaico-cristã. Tal articulação inicia já nos primeiros séculos do cristianismo, quando os padres da igreja primitiva começaram a cristianizar o platonismo, tentando compatibilizá-lo com o Novo Testamento. Desse modo, Platão foi cristianizado e o seu pensamento foi transmutado mais em religião do que em filosofia: a *noerais physeos* (naturezas inteligíveis) platônica passou a ser lida como “naturezas espirituais”, que estariam

ao lado de Deus; o *kósmos noëtós* (mundo inteligível) platônico passou a ser entendido como “inteligências espirituais”.

Com transmutações como essas, mais do que uma fusão entre o pensamento de Platão e o que constava no Antigo e no Novo Testamentos, o que esses primeiros padres da Igreja fizeram foi uma articulação por *translatio sentii*. Em outras palavras: a fim de atender os interesses místicos e profundamente religiosos do cristianismo primitivo, principalmente Gregório, Tertuliano e Clemente de Alexandria ressignificaram, por modulações sucessivas, vários dos enunciados platônicos de modo a atribuírem ao filósofo coisas em que ele não havia nem pensado. A aplicação sutil e cuidadosa da técnica do *translatio sentii* praticamente colocou, na cabeça do fundador da Academia de Atenas, sentidos jamais pensados por ele mesmo.

É importante notar que dessas ressignificações por *translatio sentii* os primeiros padres da Igreja obtiveram dois resultados que se reforçaram mutuamente. De um lado, eles se valeram do prestígio da filosofia platônica de modo a conferir um estatuto de verdade para essas coisas que estavam sendo pela primeira vez ditas com os novos sentidos que eles atribuíam a elas. De outro lado e ligado a isso, eles modulavam, quase imperceptivelmente, os sentidos que o filósofo havia atribuído àquilo que havia dito e que, agora, tomava rumos impensados por ele. Tal operação funcionou como uma espora filosófica para um conjunto de princípios espirituais que até então se sustentara apenas pela fé. De certo modo, operou-se uma filosofização da fé.

Em termos objetivos, resultou desse processo a conservação do dualismo platônico que atendia, em termos filosóficos e metafísicos, os interesses de uma igreja que assumira as narrativas da Bíblia Judaica. Assim, por exemplo, as divisões entre matéria e espírito, virtude e pecado, céu e terra, outro-mundo e este-mundo, doxa e episteme etc. podem ser pensadas em bases filosóficas e teológicas ou, talvez melhor, “teofilosóficas”. Mas tal dualismo colocava-se na contramão do unitarismo cristão dos evangelhos;

mesmo assim, ele era útil, pois funcionou como condição de possibilidade para a separação entre o Homem e o Mundo. Como comentarei mais adiante, tal separação parece hoje cada vez mais enfraquecida.

Talvez se possa dizer, junto com Richard Rorty, que, de uma âncora ou alicerce cravado no chão, a fundamentação foi substituída por um gancho no céu. É bem fácil ver o quanto a doutrina platônica dos dois mundos identifica com a ideia de um mundo espiritual perfeito e ideal em contraposição a este nosso mundo terreno, de pecado e sofrimento. Se a Filosofia foi pensada como um caminho ascendente, agora era a fé religiosa que assumia essa função.

Seja como for, firmou-se um fundamentalismo que serviu de consolo e garantia de que não estamos sozinhos no mundo, mas que, em contrapartida, não somos donos do mundo nem de nós mesmos. De novo aqui, a separação entre o Homem e o Mundo. E mais: se não somos donos de nós mesmos, há intérpretes que se elegem como capazes de nos conduzir para o *kósmos noêtos*, isso é, ao mundo inteligível. De uma só tacada, se deu um estatuto filosófico (e “respeitável”...) à fé e se reservou aos padres a tarefa de nos conduzir para a luz que brilha fora da caverna. Lembro, ainda, que aí estavam dadas as condições de possibilidade para uma separação radical que só foi pensada bem mais tarde, na Baixa Idade Média.

Boa parte disso que comentei para o fundamentalismo pode ser estendido também para o denunciamento, o catastrofismo e o salvacionismo. A ideia de que vivemos condenados a um mundo de enganos, sofrimentos, corrupção e pecados, sempre à beira de um abismo no qual podemos cair, bem como de que cabe a alguns “iluminados” a tarefa de denunciar esse estado de coisas e nos conduzir para a salvação já havia sido filosófica e politicamente tematizada por Platão. Esses *topoi* estão claramente formulados também no Genesis e se situam no coração daquelas tradições judaicas das quais o cristianismo é herdeiro. Também deles trataram os primeiros padres da Igreja.

Assim tão rápida, resumida e pontual, essa história serve para mostrar alguns dos elementos de fundo de um tipo de *weltanschauung* que, tendo atravessado a Idade Média cristã europeia, colocou-se como condição de possibilidade para a emergência e a consolidação da própria Modernidade. E se falo em consolidação é porque quero dar toda a força possível a essa palavra: consolidou-se como um novo *status quo* que era, ao mesmo tempo, espiritual e sólido (ou, pelo menos, pensado e vivido como se sólido fosse). Por estranho que possa parecer, o espírito passou a ser pensado em termos sólidos...

Basta lermos os principais filósofos, moralistas e educadores dos primórdios da Modernidade para que tudo isso fique bem evidente. Independentemente de seus vínculos religiosos, os textos de Juan Vives, Jan Comenius, Wolfgang Ratke, Thomas Morus, Erasmo de Roterdã, François Rabelais e vários outros pagam, em maior ou menor grau, os seus tributos a esses *topoi*.

*

Voltemos à flexibilização e desfronteirização contemporâneas. Conforme referi, a solidez com que tinha sido arquitetada e pensada a Modernidade parece estar se derretendo, se liquefazendo. Mas em que pese as profundas e rápidas transformações a que hoje assistimos, os *topoi* fundantes sobre os quais ela se alicerçou ainda parecem estar aí. Talvez ressignificados e repaginados sob outras roupagens, pode-se detectá-los por toda parte e principalmente mais concentrados, mais densos, em algumas regiões dos saberes e das nossas práticas contemporâneas. Esse é o caso, por exemplo, da dietética e da sexualidade, como indiretamente têm apontado os interessantes estudos de, entre outros, César (2011). No que se constitui como foco deste nosso Colóquio sobre ecopolítica, esse é o caso de boa parte dos discursos ambientalistas.

Em tais discursos, observam-se duas tendências aparentemente

antagônicas; mas só aparentemente, pois no fundo essas duas tendências até se reforçam mutuamente. De um lado, a tendência de continuarmos apegados àqueles *topoi* — relembrando: fundamentalismo, denunciamento, catastrofismo e salvacionismo —; de outro lado, o extravasamento do humano que, saindo da corporeidade em que se manteve ao longo da Modernidade, parece agora se estender a todas as esferas do mundo.

Parece que o humano não se limita mais ao corpo e à vida que anima esse corpo. Não se trata mais de pensar na vida do Homem em si mesmo, mas de pensar, ao mesmo tempo, no Homem *em* sua morada e no Homem *e* sua morada. O *oikos* não é mais o outro do humano, mas parece que um se funde cada vez mais com o outro. Se chamamos de *panteísmo* a identificação total entre Deus e o Mundo, talvez se possa dizer que vivemos hoje um crescente *antropoteísmo*.

Mas, como que num contraponto a tudo isso, parece então que nunca o Homem agiu tanto contra si mesmo... Ainda que ele se mantenha submetido àqueles *topoi*, ele paradoxalmente age como se os ignorasse.

*

Para concluir, trago o conhecido fragmento de Michel Foucault: “tudo é perigoso”. É a partir desse fragmento que eu registro três alertas.

Em primeiro lugar, o alargamento do conceito de biopolítica para ecopolítica pode ser interessante e útil, mas não se deve deixar para trás as características positivas ou produtivas do conceito foucaultiano de biopolítica. Como acertadamente recomendaram Rabinow e Rose (2006, p. 29), mesmo sem pretender uma fixação do sentido e nem reificar um conceito, devemos tomar cuidado para não perdermos de vista que, em termos foucaultianos, a biopolítica: a) reúne “os discursos de verdade sobre o caráter vital dos seres humanos; b) refere-se às “estratégias de intervenção sobre a existência coletiva em nome da vida e da morte”; c) refere-se aos “modos de subjetivação através dos quais os indivíduos

são levados a atuar sobre si próprios [...] em nome de sua própria vida e saúde, de sua família ou de alguma outra coletividade”.

Em segundo lugar, deve-se procurar manter a ecopolítica imune às formas simplificadas e ingênuas do preservacionismo. O ecologismo tosco, romântico e denunciante, de caráter claramente fundamentalista e salvacionista, pode tomar de assalto a ecopolítica, de modo a engessar e comprometer perigosamente as políticas mais responsáveis que buscam a sobrevivência equilibrada e sustentável do Homem em sua morada. Seja na forma de um panteísmo ou de um panenteísmo krausiano¹, o ecologismo quase sempre se manifesta como uma desfronteirização reducionista capaz de travar ou comprometer uma biopolítica interessada em manter a segurança humana intimamente ligada à habitabilidade planetária.

Em terceiro lugar, devemos nos manter atentos para o fato de que, muito facilmente, a ecopolítica pode ser uma via de entrada para preceitos, práticas e valores neoliberais na biopolítica ou nas coisas da vida em geral. Dado o apelo romantizado que a ecologia desperta em muitos corações, e dada a pervasividade da racionalidade neoliberal sobre todas as esferas da vida, a própria ecopolítica pode funcionar como porta de acesso para que o neoliberalismo paute nossas ações sobre as nossas próprias vidas e sobre a vida em geral.

¹ Na tentativa de criar um outro Idealismo Alemão, Karl Krause (1781-1832) propôs o panenteísmo, segundo o qual o Universo está em Deus, mas Deus seria ainda maior do que o Universo. Para ele, o Homem, por superações sucessivas, se aperfeiçoaria e se aproximaria de Deus.

Bibliografia

- CÉSAR, Maria Rita A. As novas práticas de governo na escola: o corpo e a sexualidade entre os centros e as margens. In: CASTELO BRANCO, Guilherme; VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault: filosofia & política*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. pp. 269-281.
- FOUCAULT, Michel. Sobre a genealogia da ética: uma revisão do trabalho. In: RABINOW, Paul; RABINOW, Hubert. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica* (para além do estruturalismo e da hermenêutica). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. pp. 253-278.
- RABINOW, Paul; ROSE, Nikolas. O conceito de biopoder hoje. *Política & Trabalho — Revista de Ciências Sociais*. João Pessoa: UFPb, n. 24, abril, 2006. p. 27-57.
- TOURAINE, Alain. *Pensar outramente*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- VEIGA-NETO, Alfredo. Algumas raízes da Pedagogia moderna. In: ZORZO, Cacilda; SILVA, Lauraci D. & POLENZ, Tamara (org.). *Pedagogia em conexão*. Canoas: Editora da ULBRA, 2004. p. 65-83.